



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10 – Informação e Memória

BAMIDELÊ: PRESERVANDO A INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL PARA O FORTALECIMENTO DA MEMÓRIA CULTURAL DAS MULHERES NEGRAS DA PARAÍBA

BAMIDELÊ: PRESERVING ETHNIC-RACIAL INFORMATION FOR THE STRENGTHENING OF CULTURAL MEMORY OF BLACK WOMEN'S PARAÍBA

**Leyde Klebia Rodrigues da Silva¹, Mirian Albuquerque Aquino², Gisele Rocha Cortes³,
Edvaldo Carvalho Alves⁴**

Modalidade da apresentação: Oral

Resumo: O trabalho analisa como ocorre o processo de preservação da informação étnico-racial na organização de mulheres negras da Paraíba (BAMIDELÊ), assim como, identifica as ações adotadas pela Bamidelê para a preservação da memória cultural da população negra, a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa de caráter interpretativista. O campo de pesquisa foi a Organização de Mulheres Negras da Paraíba – Bamidelê, tendo como sujeitos 4 (quatro) mulheres que compõem a coordenação/direção da organização. Para a coleta de dados, adotou-se a entrevista semiestruturada e para a análise dos discursos dos participantes desta pesquisa, optou-se pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Os resultados mostraram que a informação étnico-racial fomenta a unidade na luta das

¹ Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia-IBICT. Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba.

² Graduada em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pós-Doutorado na Universidade de Barcelona (UB/Es).

³ Graduada em Pedagogia e Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Possui Mestrado e Doutorado em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é professora adjunto II do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.

⁴ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba, Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos e Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Atualmente é Professor Adjunto IV do Departamento de Ciência da Informação - DCI/ UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI/UFPB.

mulheres e que entidades como a Bamidelê possibilitam novos contornos para a ação política feminista e antirracista, configurando-se como um lugar de memória, que serve como fonte de informação para mulheres e homens, negros(as) e não negros(as) conhecerem e reconstruírem sua história. As considerações finais suscitam que analisar como ocorrem os processos de preservação da informação étnico-racial na Bamidelê é fecundo para a produção de saberes interseccionais e para o resgate da memória individual e coletiva desse grupo.

Palavras-chave: Memória. Preservação da Informação. Informação étnico-racial. Bamidelê.

***Abstract:** This article analyses how the preservation of ethnic/racial information in the Organization of Black Women of Paraíba (BAMIDELÊ) is prosecuted and also identifies the kinds of actions adopted by Bamidelê for the preservation of black people's cultural memory. The research presents a qualitative approach with interpretative character. Bamidelê – Organization of Black Women of Paraíba – is the research field, counting on 4 (four) women as subjects of analysis, who are part of the organization's coordination/management department. The data was collected from semi structured interviews, and the Collective Subject Discourse (CSD) technique was used in the subjects' speech analysis. The results show that ethnic/racial information fosters unity for the women's struggle, besides that entities such as Bamidelê provide new pathways for feminist and anti-racist political action, setting itself up as a place of memory and recollection, serving as a source of information for women and men, both black or non-black, to recognize and rebuild their own history. The last considerations suggest that analyzing these processes of ethnic/racial information preservation at Bamidelê is fruitful for producing intersectional knowledge and rescuing this group's individual and collective memory.*

Keywords: Memory. Preservation of Information. Ethnic/racial information. Bamidelê.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a informação circula por todas as áreas de conhecimento. Contudo, a informação que interessa a Ciência da Informação - CI está presente no diálogo entre cientistas, na comunicação informal, na inovação para a indústria, na patente, na fotografia ou no objeto, no registro magnético de uma base de dados, na biblioteca virtual ou repositório (PINHEIRO, 2005). Na visão de González de Gómez (2002, p. 25), “múltiplos são os domínios a que remete hoje o termo ‘informação’: da cognição dos textos, dos artefatos culturais, da infraestrutura”.

Se a informação não está restrita a um único suporte ou a um determinado grupo, então é ético que os diversos setores dessa sociedade forneçam as condições para que todos os grupos (ciganos(as), judeus, indígenas, árabes, negros(as), deficientes, homossexuais, geracionais etc.) possam acessá-la.

No Brasil, uma grande parcela de negros(as) não tem acesso à informação no que concerne à sua contribuição na formação histórica e cultural da sociedade brasileira. No tocante as mulheres negras, a intersecção entre os marcadores sociais de gênero e de raça se entrelaçam,

potencializando a situação de desigualdade, ser mulher e negra numa sociedade racista e machista como a brasileira, implica uma dupla opressão.⁵ (GONZALEZ, 1983, PISCITELLI, 2008).

As mulheres negras estão em situação de desigualdade nos mais diferentes espaços da sociedade: possuem menos informação e acesso a bens e serviços de saúde, educação, trabalho e habitação. O desconhecimento, a invisibilidade e a necessidade de uma maior compreensão da história, cultura, ciência e tecnologia produzida por mulheres negras na contribuição da formação da sociedade brasileira é apontada por pesquisadores(as). (LOURDE, 2012)

Desta forma, consideramos importante estudar a respeito dessa temática para reconstruir a memória coletiva de conhecimento que auxilie na redução de preconceitos, discriminações, racismo e exclusões de mulheres negras nos diversos espaços sociais, tais como a escola, a universidade, o trabalho, bem como nas relações cotidianas (AQUINO, 2009).

A partir dessa problemática a pesquisa apresenta como objetivo analisar como ocorre o processo de preservação da informação étnico-racial na organização de mulheres negras da Paraíba (BAMIDELÊ), para a preservação da memória cultural da população negra.

Acreditamos que o estudo pode servir como um meio para entendermos as mutações econômicas, políticas, sociais e culturais e perceber como grupos como esse entendem e preservam a informação étnico-racial. A relevância acadêmica, social, científica e informacional encontra-se na preocupação de contribuir com novas pesquisas na área da Ciência da Informação, a fim de que pesquisadores(as) e estudiosos(as) possam focar seu olhar nas questões que afetam os marcadores sociais produtores de desigualdades, pois fazer ciência é uma prática cultural que resulta da interação com diversos sujeitos e na relação com os fenômenos históricos, sociais e culturais, com a finalidade de produzir conhecimento como elemento de fundamental importância para solucionar problemas e promover a ciência e o bem-estar da humanidade (AQUINO, 2009).

2 METODOLOGIA

⁵ O conceito de interseccionalidade, de acordo com Haraway (1991) surgiu na década de 1990, em decorrência das críticas formuladas por mulheres negras e latinas contra a universalização e essencialização da categoria mulher. Nesta perspectiva, considera-se que as experiências dos sujeitos sociais se diferenciam de acordo com a intersecção dos marcadores sociais de classe, gênero, raça, orientação sexual, idade, localidade, dentre outros.

Estudos sobre os processos de organização da informação étnico-racial partem do princípio de que as Ciências Sociais Aplicadas precisam realizar práticas efetivas e específicas que modifiquem concretamente a situação que torna os(as) negros(as) invisíveis (CUNHA JÚNIOR, 2005). Exige-se que qualquer campo da ciência assuma sua responsabilidade ético-social na produção de conhecimento com a finalidade de buscar soluções que ajudem a resolver os problemas existentes na sociedade, sejam eles físicos, estruturais, sociais ou culturais (AQUINO, 2009).

Os(as) autores(as) Alves e Aquino (2012) ao fazer um estudo sobre a pesquisa qualitativa, suas origens, desenvolvimentos e utilizações nas dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI da UFPB, de 2008 a 2012, alertam que:

No campo da pesquisa social, a pesquisa qualitativa pode ser entendida como uma práxis que visa a compreensão, a interpretação e a explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos que é a resultante de múltiplas interações, dialeticamente consensuais e conflitivas, dos indivíduos, ou seja, os fenômenos sociais (ALVES; AQUINO, 2012, p. 81).

O campo de pesquisa foi a Organização de Mulheres Negras da Paraíba – BAMIDELÊ porque essa organização se posiciona como porta-voz da população negra, especificamente das mulheres negras, e obtém a valorização da identidade de membros socialmente marginalizados que “construíam suas significações e manifestavam seu pertencimento” (FERNANDES, 2009, *online*).

Os sujeitos participantes desta pesquisa foram 4 (quatro) mulheres que compõem a coordenação/direção da Bamidelê. Para a coleta de dados, adotamos a entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa, pois, segundo Minayo (2005), o sujeito tem uma participação ativa e o(a) pesquisador(a) pode fazer perguntas adicionais para esclarecer questões que visem a uma melhor compreensão do objeto de análise.⁶

Para a análise dos discursos das participantes desta pesquisa, optamos pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) que tem por finalidade reunir os discursos semelhantes e complementares dos sujeitos em um único discurso. Este discurso representa a manifestação do

⁶ Elaboramos um roteiro para a realização das entrevistas que constou de duas partes. Sendo que a primeira parte investigou os “Dados de identificação” (nome, profissão, escolaridade, idade, cargo e o tempo de participação da ativista na ONG) e a segunda parte foi constituída por meio de questões abertas, analisadas separadamente. Para esse trabalho utilizamos para análise, apenas a questão que se refere ao objetivo do artigo: a preservação da memória.

pensamento do grupo em relação a um tema específico e “resume o exposto nas várias expressões-chave, levando em conta as ideias centrais ou as ancoragens, que são comuns a um determinado discurso” (ALMEIDA, 2005, p. 71).

O DSC provém de estudos desses campos de conhecimento e difere daqueles pouco abertos e flexíveis e que se encaminham em direção à neutralidade para se lidar com os dados discursivos. Isso implica “a compreensão da construção social do conhecimento, obtida nas representações sociais, e a confirmação da distância inevitável entre discurso e pensamento” (ALMEIDA, 2005, p. 75).

Caracteriza-se ainda como uma proposta de organização de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, cartas, papers, revistas especializadas, etc. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003). Essa técnica de análise nos permite perceber as particularidades e as generalidades do discurso de um grupo, a partir do agrupamento dos discursos individuais dos sujeitos que o compõem.

Tal técnica de análise propõe conceitos operacionais básicos, a saber: as expressões-chave (ECH), a ideia central (IC) e a ancoragem (AC). As ECH são fragmentos do texto ou da entrevista na transcrição literal do discurso do sujeito. Essas expressões podem ser contínuas ou descontínuas e revelam a “essência” do conteúdo do depoimento coletado. São fundamentais para a “confecção do DSC” por isso precisam ser coletadas adequadamente (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2012, p. 73). A IC é “a descrição, precisa e direta, dos significados do conjunto dos discursos que foram analisados e destacados nas expressões-chave [...] descreve o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo” (ALMEIDA, 2005, p. 71) que também recebe o nome de categoria. No caso deste estudo, o sujeito coletivo é a voz da Bamidelê que se manifesta na primeira pessoa do singular. O entrevistado (sujeito individual) é aquele(a) (mulher negra) que fala em nome do grupo (sujeito coletivo) ao qual pertence. O resultado das considerações e análises representam o sujeito individual e o sujeito coletivo, entendido como “um ser ou entidade empírica coletiva, opinante na forma de um sujeito de discurso emitido na primeira pessoa do singular” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006, p. 518).

Antes de adentrar na análise dos dados, apresentaremos o corpo teórico utilizado para fundamentar a pesquisa, pois estão contidos nele os elementos primordiais que forneceram subsídios à análise.

3 MULHERES NEGRAS, MEMÓRIA E INFORMAÇÃO

A partir da década de 1970 o Movimento Negro Brasileiro adotou estratégias mais politizadas de denúncia aberta à discriminação racial e ao racismo no Brasil, incidindo em um consenso entre intelectuais negros(as) de que a raça se constituía um conceito organizador das relações sociais no Brasil. Atualmente, esses grupos são considerados porta-vozes de negros(as) – pretos(as) e pardos(as) - que obtêm a valorização da identidade de membros socialmente marginalizados, que “construíam suas significações e manifestavam seu pertencimento” (FERNANDES, 2009).

Uma parcela significativa dos setores dominantes ainda continua negando a importância da raça como um fator gerador de desigualdades sociais (SILVÉRIO, 2002) na sociedade da informação-conhecimento-aprendizagem.

No que tange aos movimentos de mulheres negras, entre a década de 80 e 90, começaram a se formar e se consolidar no Brasil. Eventos em âmbito internacional, já em 90 – A Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento no Cairo, em 1994 e A Conferência Mundial sobre a Mulher em Beijing, em 1995, promovidos pela ONU, possibilitaram a mobilização das mulheres negras de várias partes do mundo (XAVIER, 2010).⁷

No Brasil, um importante passo para o segmento foi a criação da Articulação de Mulheres Negras do Brasil (AMNB), no ano 2000, rede composta por ONGs de todo o país, que fortaleceu movimentos por todo o território brasileiro e influenciou novas organizações. A AMNB é atualmente constituída de 23 organizações provenientes das diferentes regiões do Brasil. As Organizações integrantes são: Associação Cultural de Mulheres Negras (ACMUN), **Bamidelê – Organização de Mulheres Negras da Paraíba – PB, foco desta pesquisa**. A AMNB monitora as recomendações do Plano de Ação e a formulação de estratégias de desenvolvimento inclusivo para o Brasil, centradas na proteção e na promoção dos direitos; na geração de oportunidades no mundo do trabalho na cidade e no campo; na igualdade de tratamento na vida e no respeito à diversidade humana, sem racismo, sexismo, lesbofobia ou classismo seja para o Brasil ou para a América Latina (AMNB, 2013).

Como aborda Sueli Carneiro (2011, *online*) “a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela

⁷ Segundo Xavier (2010) em meados da década de 1930, surgia uma associação de mulheres negras, o Centro Cívico Beneficente Senhoras Mães Pretas. Em 1975, evidencia-se outra mobilização, durante um encontro promovido pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no qual um grupo de mulheres negras formulou um documento contestando a condição desse segmento da sociedade.

histórica hegemonia masculina, mas [...] a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão”.

Essencial restituir a visibilidade e a dizibilidade (FOUCAULT, 2002) da memória das mulheres negras, as quais tiveram e ainda têm uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido. Em geral, conhecimentos sobre a temática étnico-racial, o protagonismo e a contribuição das mulheres negras na formação da sociedade brasileira são invisibilizados nos ambientes de ensino, nos meios de comunicação, configurando-se como sujeitos pouco ditos na história.

3.1 BAMIDELÊ: SUA HISTÓRIA PARA CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

A Bamidelê⁸ é uma organização não governamental composta por feministas negras, fundada em 2001. Tem como missão e projeto político contribuir para a eliminação do racismo e sexismo, buscando a equidade de gênero numa perspectiva étnico-racial.

Essa organização tem por princípios: construção de uma sociedade justa e democrática; defesa dos direitos humanos, o respeito às diferenças e o combate à pobreza e a todas as formas de violências, opressão, discriminação ou exclusão, tais como as de gênero, raça, etnia, classe, orientação sexual, religiosa, política, geracional ou relativa às pessoas com deficiência; respeito aos princípios éticos de transparência e imparcialidade em sua gestão; e defesa dos direitos humanos e empoderamento das mulheres, jovens e adolescentes, bem como o fortalecimento de suas organizações (BAMIDELÊ, 2013).

As atividades desenvolvidas por essa Organização vão desde ações educativas e formativas como cursos, palestras, campanhas, oficinas, feiras de saúde, capacitações, rodas de diálogos, seminários e produção de material didático com foco nas temáticas de saúde (sexual, reprodutiva e da população negra), educação, direitos sexuais, direitos humanos e ações afirmativas, e, até no controle social de políticas públicas, mobilização social e ações de fortalecimento político dos movimentos negro e feminista (BAMIDELÊ, 2013).

O público atendido pela Bamidelê é, em sua maioria, mulheres negras, jovens e adolescentes de comunidades, movimentos e escolas das zonas urbana e rural da Paraíba, com

⁸ A palavra Bamidelê (bah/mih/deh/leh) é originária da ancestralidade africana (lorubá), que significa Esperança e se aproxima do significado de Esperançar. Esperançar é se levantar, é ir atrás, é construir, é não desistir! (BAMIDELÊ, 2011).

destaque para a comunidade remanescente de quilombo Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande/PB.

3.2 DIÁLOGOS SOBRE INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

A literatura vem analisando os processos de produção da memória em nossa contemporaneidade colocando-se como um importante produtor de significados (AZEVEDO NETTO, 2007; DODEBEI, 2016). É, portanto, a capacidade de preservar determinadas informações essenciais para a elaboração da experiência individual e do conhecimento de natureza científica, filosófica ou técnica.

Corroborando com o pensamento de Fontanelli (2005, p. 17) afirmamos que “o estudo da memória é antigo”. Já no fim do século XIX, surgiram trabalhos sobre o tema em vários campos de reflexão, em virtude das alterações nas relações humanas advindas da urbanização, que tentava dissipar as lembranças individuais e designar um presente absoluto, rompendo com o passado. A autora ainda cita os trabalhos de Henri Bergson, de Sigmund Freud e de Marcel Proust como os primeiros indícios acerca dessa problemática.

A corrente mais subjetivista afirma que a memória funciona como agente possível na criação de subjetividades. É preciso também observar as funções do corpo e suas potencialidades em relação às imagens que lhe são exteriores, pois “os objetos que cercam meu corpo refletem a ação possível de meu corpo sobre eles”. Em sua obra “*Matéria e Memória*”, Bergson (1990) afirma que com o corpo construímos subjetivamente os objetos e as relações com o mundo. Nesse sentido, a imagem é também memória porque é dela que extraímos os fatos/acontecimentos que configuram nossa forma de relação em sociedade ou com outros objetos.

Seguindo essa linha de pensamento, Ricoeur (2007) afirma que nós representamos um acontecimento do passado ou temos dele uma imagem que pode ser visual ou auditiva, entendendo que a linguagem faz da memória uma província da imaginação. E essa, por sua vez, considerada em si mesma é situada na parte inferior da escala dos modos de conhecimento das coisas externas ao corpo humano.

Na perspectiva interacionista, a memória é sempre conflituosa, porque sendo seletiva resulta de enquadramentos, esquecimentos e silêncios (POLLAK, 1992). Esse autor afirma que a memória é acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo. E sendo assim, a “memória oficial” pode passar por

instabilidades e receber conceituações contraditórias quanto a sua interpretação, gerando conflitos em torno da memória (CANDAUI, 2011).

Com o advento da escrita, surgiu um segundo momento em que “acontecimentos e as descobertas marcantes de nossa história passaram a ser registrados em documentos, a fim de se preservar nossa memória, desde as pinturas rupestres (imagens) até os signos e as letras” (AQUINO et al., 2010, p. 13). Nesse momento da cultura da escrita, “o saber torna-se disponível, estocado, consultável, comparável, deixando de ser apenas aquilo que é útil no dia-a-dia para ser um objeto suscetível de análise e exame” (MONTEIRO; CARELLI, 2007). Ainda com a escrita e, sobretudo, com a imprensa, a quantidade de informações registradas aumentou, consideravelmente, favorecendo a criação de arquivos, bibliotecas, museus e outras unidades de informação.

Com o registro da informação foi possível reformular teorias, ideias e princípios em vários campos do saber que intensificaram o processo de expansão das tecnologias (AQUINO et al., 2010). Nesse último momento da evolução, o digital supõe um olhar mais cuidadoso das áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia em relação aos suportes informáticos produzidos e usados nesse novo paradigma informacional.

A cultura digital, materializada em disquetes, CDs, cartão de memória, pendrive, mp3 players, iPod, palms e outros dispositivos de memória, conjuntamente com os meios tradicionais, em suporte de papel (livros, periódicos, entre outros), precisa ser catalogada e armazenada nas bibliotecas, centros de informação, laboratórios etc., de maneira sistemática, de modo a permitir o acesso e a transmissão de informação possibilitando a construção de novos conhecimentos.

Pensando nisso, voltamos aos dias atuais e refletimos: Será possível “encontrar alguém que nunca tenha recorrido à internet e os buscadores como o Google para “lembrar” de alguma informação?” (LISBOA, 2011, p. 9). No caso da informação étnico-racial, a preservação engloba, de maneira mais ampla, todas as ações que beneficiam a manutenção do bem histórico e cultural. Todavia, as tecnologias intelectuais têm transformado a maneira de lembrar e isso está evidente.

Ao discutir sobre a memória na CI, Oliveira e Rodrigues (2011, p. 323) afirmam que:

Os locais nos quais os cientistas da informação exercem suas práticas – arquivos, bibliotecas e museus – considerados ‘lugares de memória’, bem como a memória das instituições resulta em apropriações dos conceitos de memória social e memória

coletiva e no emprego de múltiplas extensões, tais como: instituições de memória, centros de memória, arquivos de memória e entidade de memória. Ainda referindo-nos às extensões, são constantes as referências a uma dinâmica da memória possibilitada pela informação registrada: construção, reconstrução, formação, manutenção, recuperação, preservação, conservação, valorização, incorporação, interação, exclusão e destruição da memória.

Nesse sentido, a preservação da memória se configura como um dos grandes temas em destaque nos últimos anos. A preocupação com a conservação de registros de memória, nos diferentes contextos e suportes, justifica a reflexão sobre o perigo de esquecer ou perder tais registros, que se configuram como fator determinante para construção identitária do indivíduo e que, relatam fatos históricos marcantes de uma determinada sociedade.

Sendo assim, é preciso pensar em políticas de preservação da informação étnico-racial e enfatizar que a preservação da informação não deve ser feita tendo-se em vista ela mesma, mas a relação significativa que tem, posto que a função da informação preservada seja prolongar a existência de um fragmento da realidade que tem relevância como referência a uma ação passada.

4 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: A VOZ DA ORGANIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS

Como já dito anteriormente, por meio do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é possível obter a manifestação do pensamento de um sujeito coletivo, no qual a partir do sujeito individual são identificados e retirados fragmentos do pensamento coletivo. Para isso, os procedimentos metodológicos para leitura e análise e interpretação dos discursos das mulheres negras da Bamidelê estruturaram-se a partir de um esquema próprio da técnica do DSC.

Selecionamos as principais categorias da resposta, reunindo-as por “semelhança semântica”. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006) Em seguida, elaboramos os discursos coletivos para cada categoria. Na análise, as ECH se referem aos blocos de enunciados dos sujeitos discursivos relativos às cinco perguntas; as IC são as ideias centrais, em negrito, extraídas das ECH; a AC se refere às teorias utilizadas no referencial para fundamentar o discurso dos sujeitos e; DSC é a síntese dos enunciados referentes aos discursos de todos os sujeitos.

Posteriormente, adotamos os cinco passos propostos pela técnica de análise do DSC sugeridos por Lefèvre e Lefèvre (2003): 1) Analisamos, isoladamente, as respostas de cada uma das questões formuladas e colocamos os dados observando os conceitos operacionais, para exemplificar a análise; 2) Destacamos, em negrito, as expressões-chave das ideias centrais; 3)

Identificamos e escrevemos as ideias centrais; 4) Estabelecemos as categorias do DSC, a partir das ideias centrais; E, por fim, agrupamos as categorias formadas a partir dos discursos coletivos dos sujeitos individuais para formular o DSC de cada resposta.

É importante salientar que as participantes da pesquisa foram concebidas como sujeito individual que responderam pelo sujeito coletivo, coadunando com a perspectiva da técnica do DSC. Para identificar as mulheres que compõem a organização da Bamidelê, utilizamos as legendas: Sujeito A, B, C e D, e Sujeito E, F, G, H e I para identificar as mulheres que compõem a público atendido pela Bamidelê, como forma de garantir o anonimato⁹.

4.1 A VOZ DA COORDENAÇÃO DA BAMIDELÊ

As entrevistas com a organização, devido questões de agenda da ONG foram realizadas no período em janeiro de 2014, onde todas foram feitas na sede da BAMIDELÊ, na cidade de João Pessoa-PB, em único momento.

Antes de iniciar a entrevista, fizemos uma breve explanação sobre o tema da pesquisa e seus objetivos, com o propósito de situar os sujeitos no contexto do objeto de estudo a ser pesquisado. Todas as entrevistas foram gravadas face-a-face, com a utilização de um gravador. Algumas observações não captadas por esse equipamento foram feitas em um bloco de anotações no momento da entrevista.

A seguir, apresentamos o perfil dos sujeitos individuais traçados por meio na primeira parte do roteiro de entrevista “Dados de identificação”:

- a) **Sujeito A:** É estudante. Cursa Relações Públicas na UFPB. Tem 24 anos. Participa há 2 (dois) anos e meio da Bamidelê e seu cargo na ONG é Assistente de Comunicação;
- b) **Sujeito B:** É Assistente Social. Tem Pós-Graduação (Mestrado em Direitos Humanos). Tem de 34-41 anos. Atua na Bamidelê há 10 (dez) anos. E sua função na entidade é de Coordenação Executiva;
- c) **Sujeito C:** É professora universitária. Tem Pós-graduação (Doutorado). Tem mais de 42 anos. Participa há 11 (onze) anos da Bamidelê, na qual ocupa o cargo de Diretora;

⁹ Foi entregue a todas entrevistadas junto com o roteiro da entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para fins de publicação e divulgação dos dados discursivos.

- d) **Sujeito D:** Também é professora universitária. Tem Pós-graduação (Doutorado). Tem mais de 42 anos. Participa há 13 (treze) anos da Bamidelê. E ocupa o cargo de Coordenadora Executiva.

Desse perfil já podemos fazer uma análise preliminar: as mulheres que coordenam a Bamidelê além da experiência com movimentos sociais, três delas tem mais de 10 anos de participação na ONG e possuem alto nível intelectual/educacional.

A seguir, analisamos as expressões-chave (ECH) que se referem aos blocos dos enunciados (falas) das quatro participantes da pesquisa, extraídos do corpus de dados discursivos, que foram transcritos, literalmente, considerando os micros marcadores inerentes ao discurso oral.

No que diz respeito à questão de pesquisa “Quais são as políticas/medidas adotadas pela Organização para a preservação da informação étnico-racial?” As integrantes da pesquisa assim se posicionaram:

Sujeito A: [...] com relação a isso, **quando eu falo de política e tal, a gente não tem algo formalizado, documentado e tal.** Porque assim, o que eu entendo de política [...] é a gente ter a diretrizes pra se posicionar diante do arquivamento, e também nessa questão de problemas que venha a surgir, principalmente no campo virtual, que é complicada essa questão de terra sem dono né? A internet, ser colocada como terra sem dono, sem lei, enfim. [...] E de que forma ver, para que não haja essa apropriação indevida, não que a gente também vá tá dando exclusividade pra as coisas que a gente produz e faz, porque **a gente quer disseminar, compartilhar conteúdo** e o que a gente tem aprendido nessa militância, na própria realidade que a gente vive cotidianamente, mas **o respeito pelas criações da organização** né? Então, **precisa criar esse instrumento pra balizar, nortear a Bamidelê no que se diz respeito a comunicação.**

Sujeito B: **Aqui tem tudo arquivado,** a gente só precisa de que a parceria [com o CCSA] pra fazer essa organização né? Porque a gente tem todo esse material, por exemplo, livros, cartilhas, revistas, **é tudo já arquivado, catalogado. Falta organizar.** [...] Aqui tá assim **classificado no geral e guardado.** A gente não sabe achar assim, **mas tá classificado, nós temos a sequência e tal, na estante.** Aí por isso a gente tá fazendo a parceria, pra organizar o que a gente tem, por que a gente tem muita coisa.

Sujeito C: [...] **existe sem estar sistematizado, formalizado** né? Quando chega alguma informação em papel ou virtual, aí ela é analisada, né? **Se for pra a gente divulgar a gente divulga, se for pra guardar a gente guarda. Se for pra jogar fora, a gente joga fora.**

Sujeito D: **A gente tem uma parceria com o CCSA, com o curso de arquivologia com o objetivo de fazer a organização do arquivo.** [...] Nós temos vários **álbuns com imagens da Bamidelê,** e nós **utilizamos os computadores,** são coisas assim, virtuais. E nós temos a **biblioteca tradicional.** Com impressos né? [...] **Tem um portfólio** que ela [sujeito b] vai colocando todas as produções. [...] **As ações das políticas imediatas, elas são guardadas, têm os espaços que elas são guardadas.** Os banners têm alguns guardados, e alguns que ficam expostos, por exemplo, né?

De acordo com as ECH, retiramos as ideias centrais, das quais foram categorizadas:

Categoria 10 – Preservação da memória produzida pela Bamidelê;

Categoria 11 – Preservação da informação pelas vias tradicionais (arquivos e bibliotecas).

DSC: Em se tratando de política, a gente não tem algo formalizado e documentado. Precisamos criar esse instrumento pra balizar, nortear a Bamidelê. Mas, aqui tem tudo arquivado (temos vários álbuns com imagens da Bamidelê, utilizamos os computadores, temos a biblioteca tradicional com os impressos) falta organizar, mas tá classificado, nós temos a sequência na estante. Por isso, fizemos uma parceria com o CCSA, com o curso de arquivologia com o objetivo de fazer a organização do arquivo.

Por meio do DSC observamos que a Bamidelê é um lugar de memória para a preservação da informação étnico-racial. Esse espaço também serve como fonte de informação para as pessoas que não têm conhecimento da história do grupo e da sua luta, que não é só da Bamidelê, mas de todos os que buscam uma sociedade mais justa. Esse espaço também possibilita que se reconstrua uma identidade/memória cultural do povo negro, que há muito, foi oprimida e esquecida.

Sobre esse “esquecimento”, Knobbe (2005) explicita que, no Brasil, a questão dos grupos negros tem o agravante do racismo cordial, em que as pessoas dizem que não os discriminam e respeitam as religiões afro-brasileiras. Trata-se de uma situação histórica e cultural, o(a) racista ou preconceituoso(a) é sempre o(a) vizinho(a). A política de embranquecimento da população brasileira, através do incentivo à imigração europeia, a perseguição, até os anos 1950, às religiões afro-brasileiras e a destruição de seus templos são alguns exemplos da opressão sofrida por esses grupos. Não é por menos que uma parcela da população afrodescendente acabe por renegar sua herança africana. A vergonha de ser negro é fruto de um estigma colocado sobre a população (negra e não negra) e de uma estratégia de sobrevivência social.

Nesse entender, a construção de uma memória cultural pela Bamidelê é essencial para que o indivíduo conheça suas raízes, e possa construir sua identidade e, dessa forma, ter condições de se integrar efetivamente ao seu grupo social.

O DSC também revela a preocupação da Bamidelê com a preservação dessas informações pelas vias tradicionais como arquivos e bibliotecas físicas, seja por meio de

parcerias com a Coordenação do Curso do Arquivologia da UFPB, seja por meio de suas próprias ações, conforme mostra a Figura.

Figura – Material arquivado na Bamidelê



Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Verificamos que essa preocupação com a preservação da informação étnico-racial atinge não somente as fontes formais de informação, citadas anteriormente, mas também as fontes informais, como banners, faixas, folders, folhetos, cartilhas, adesivos, camisetas, quadros e os tecidos afros. Essas informações, em geral, fomentam a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades que não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige também a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão como é o caso do racismo. Nessa perspectiva, entidades como a Bamidelê que lutam a favor das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vêm desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscamos refletir a emblemática que gira em torno da organização de mulheres negras da Paraíba, principalmente no que concerne a preservação da informação étnico-racial. Acreditamos que é preciso abrir esse escopo teórico-prático, pois, o mesmo nos possibilitará novos espaços interdisciplinares dentro da CI.

Para buscar desconstruir (ou minimizar) essas relações hierárquicas e assimétricas, unidades informacionais como a Bamidelê que produzem as informações necessárias para discutir abertamente as relações étnico-raciais na Paraíba são agentes transformadores dessa realidade, imposta, sobretudo, as mulheres negras.

Assim como Costa (2010), entendemos que uma das mais cruéis formas de se apagar a autoestima de um povo é deixar que sua cultura se perca, seja esquecida. Nesse contexto, precisamos avançar no sentido de definir políticas, estratégias e ações que invistam em capacitação de recursos humanos e reconheçam a importância da preservação da memória no meio físico ou virtual como fator primordial para construção de identidades, compreensão da sociedade, geradora de realidades e modificadora de estruturas.

Observamos que a Bamidelê se configura como um lugar de memória, que serve como fonte de informação para mulheres e homens, negros(as) e não negros(as) conhecerem e reconstruírem sua história de luta, invisibilizada por uma sociedade racista e sexista.

Tornando-se assim, um espaço para que a população negra, especialmente as mulheres negras, tenham lugares de fala, conheçam suas raízes e acessem conteúdos informacionais que possam contribuir no processo de reconstrução identitária e de empoderamento das mulheres negras na sociedade brasileira. Nesse sentido, consideramos que analisar como ocorrem os processos de preservação da informação étnico-racial na organização de mulheres negras da Paraíba (BAMIDELÊ) é fecundo para a produção de saberes interseccionais e para o resgate da memória individual e coletiva desse grupo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Discurso do sujeito coletivo: reconstruindo a fala do “social”. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. Cap. 3, p. 59-79.

ALVES, Edvaldo Carvalho; AQUINO Mirian de Albuquerque. A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UFPB - 2008 a 2012. **Informação e Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 22, n. esp., p. 79-100, 2012. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/download/13678/8211>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

AMNB. **Articulação de Organizações de Mulheres Brasileiras**. Disponível em: <<http://www.amnb.org.br/site/index.php>>. Acesso em: 20 out. 2013.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Memória da Ciência: A (in) visibilidade dos (as) negros (as) na produção do conhecimento da Universidade Federal da Paraíba**. (Projeto de Pesquisa)– Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.

_____. **Processos de apropriação, organização, disseminação e democratização da informação no movimento negro da Paraíba**. (Projeto de Pesquisa)– Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista eletrônica história em reflexão** (UFGD), Dourados, v. 1, p. 9, 2007.

BAMIDELÊ. **Bamidelê: organização de mulheres negras** (blog). Disponível em: <<http://negrasbamidele.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Editora Martins e Fontes, 1990.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 2003. Disponível em: <<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2016.

COSTA, Hildete Santos Pita. Os gestores da informação, a educação plural e os acervos culturais afro-brasileiros. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n.9, maio 2010. Disponível em: <http://www.africaeafricanidades.com/documentos/Os_gestores_da_informacao.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2012.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Nós, afro-descendentes: história africana e afrodescendente na cultura brasileira. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da educação, secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade. 2005. Cap. 14, p. 249-273.

DODEBEI, Vera. Ensaio sobre memória e informação. **Morpheus**, v. 9, p. 227-244, 2016.

FERNANDES, Ricardo Luiz da Silva. Movimento negro no Brasil: mobilização social e educativa afro-brasileira. **Revista África e Africanidades**, ano 2, n. 6, ago. 2009. Disponível

em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Movimento_Negro_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FONTANELLI, Silvana Aparecida. **Centro de memória e ciência da informação**: uma interação necessária. 2005. 105 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia)– Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2005.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélida. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). **O campo da ciência da informação**: gênese, conexões e especificidade. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2002. Cap. 2, p. 25-45.

GONZELEZ, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado et al. Ciências Sociais Hoje 2: movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília: Anpocs, 1983, p. 223-244.

HARAWAY, Donna. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. Campinas: **Cadernos Pagu**, v. 22, p.201-246, 2004.

KNOBBE, Margarida Maria. História extra-oficial: como os negros no Brasil ainda não conquistaram a liberdade. **Problemas Brasileiros**, São Paulo, n. 371, p. 18-23, set./out. 2005.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: UDUCS, 2003.

_____. O sujeito coletivo que fala. **Interface**: comunicação, saúde, educação, v. 10, n. 20, p. 517-24, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v10n20/17.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

_____. **Pesquisa de representação social**: um enfoque qualiquantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. 2. ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2012.

LISBOA, Pablo Fabião. Memória e arquivos digitais: outras maneiras de lembrar e esquecer. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO, 5., 2001, Pelotas. **Anais eletrônicos...** Pelotas: UFPEL, 2011. p. 748-759. Disponível em: <http://www.pablolisboa.com/ARTIGO-memoriae-arquivos-digitais_PABLOlisboa_V-SIMP-UFPEL-2011-PDF>. Acesso em: 20 jan. 2013.

LOURDE, Audre. **Sister outsider**. Berkley, Crossing Press, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2005.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda. Ciberespaço, memória e esquecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA/ANCIB, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--104.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 311–328, mar. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/416/298>>. Acesso em: 25 set. 2012.

PINHEIRO, Lêna Vânia Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação e Sociedade: estudos**. João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 263-274

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215. 1992.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et al. Campinas: Unicamp, 2007. Tradução de: La memoire, l'histoire, l'oubli.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 219-246, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15560.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2011

SOUZA, Edinilsa Ramos et al. Construção dos instrumentos qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. Cap. 4, p. 133-156.

XAVIER, Douglas. **Uma história de lutas: do movimento negro às organizações de mulheres negras**. 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/40753727/Do-movimento-negro-as-organizacoes-de-mulheres-negras>>. Acesso em: 20 dez. 2013.